

obras de Cícero, venham a descobrir-se em um armario do palacio, onde vivem os descendentes de Colombo ou os do duque de Lerma.

A familia de Relta foi sempre uma excepção desta regra geral. Apesar de que nem todos os representantes desta casa foram dados ás letrás, cada um entendeu dever conservar cuidadosamente esta riqueza. A bibliotheca de Relta teve sempre um bibliothecario escolhido entre os sabios menos favorecidos da fortuna, e desde longo tempo que se franqueia ás pessoas estudiosas todas as quintas feiras de cada semana.

Ao lado direito da grande escadaria do palacio ha uma pequena porta por onde se passa á escada que conduz á bibliotheca. O salão é octogono, e não tem janellas. Recebe a luz por uma grande claraboia de vidros foscos, e é cortado na altura por uma varanda com balaustres, que, separando as estantes inferiores das superiores, facilita o accesso aos livros collocados perto do tecto.

Estantes, varanda, portas e a parte que serve de caixilhó á claraboia são de pau preto marchetado de lisonjas e chapas de marfim. As tres portas do salão abrem para um largo corredor que, partindo da casa do jantar, contorna em semi-circulo a bibliotheca, e vai dar ad côro da capella. Intèriormente tres grandes quadros correspondem ás tres portas do salão.

Em frente da porta principal está o retrato, em

corpo inteiro, do cardeal de Rembrano. É obra original de D. Diogo da Silva y Velasques, o celebrado amigo de Philippe IV. Na opinião dos entendidos, este quadro é superior aos retratos de Margarida de Austria, de Isabel de Bourbon e do duque de Olivares a cavallo, que estão no salão de Isabel II, no museu de Madrid. Ha quem o prefira ao proprio retrato equestre de Philippe IV.

O cardeal de Rembrano está sentado junto da meza da sua bibliotheca, onde varios papeis em desordem, um livro aberto, e outros ao lado como que a esperarem a sua vez, indicam trabalho recente. O prelado, encostado ao cotovello direito e tendo na mão um pequeno livro, onde um dedo serve de marcar o sitio em que cessou a leitura, parece descansar das fadigas do estudo. A physionomia revela a agudeza do talento, a infatigabilidade do trabalho, a benevolencia inseparavel do saber e da religião, e a magreza e pallidez a que a penitencia dera principio, e que o estudo fôra acrescentando. Velasques não foi mais feliz ao pintar o marquez de Spinola, no celebre quadro das Lanças, recebendo do governador hollandez de Breda as chaves da cidade rendida!

Que profundo conhecimento da verdade! Que sentimento da vida moral e physica! Que harmonia de tom! Que combinação de colorido sem desacordo! Que me importa a mim que Van-Dyck no retrato do conde de Bristol e da condessa de Oxford seja

superior a Velasques na elegancia da execução, na dignidade da postura e na expressão? A realidade nobre, como ninguem ainda a soube reproduzir, está nos quadros do famoso pintor hespanhol, ultimo fidalgo da nobre familia de artistas de que Bayeu foi o successor bastardo, e Goya o derradeiro descendente illegitimo.

O principe da Paz, para quem a Hespanha inteira ainda era pouco, quiz comprar o retrato do cardeal de Rembrano. Carlos iv, coitado, que nunca soube responder negativamente ao seu valido, pediu ao duque de Lialva o que não teria solicitado para o museu da corôa. O duque respondeu que sua magestade podia dispôr da familia de Lialva como lhe aprouvesse, mas que não tinha direito para profanar as cinzas dos mortos. «Por honra da minha familia, de vossa magestade e do grande pintor de Filippe iv, accrescentou o duque, ousou desobedecer ao meu soberano!» Carlos iv calou-se descontente, porém o retrato ficou no seu logar.

Os outros dois quadros são de Ribera e de Murillo, e ambos teem um duplicado no museu real. O de Ribera é o martyrio de S. Bartholomeu, admiravel composição em que o colorido é superior a qualquer elogio. Eu não sei se o sublime discipulo de Caravagio era feroz como Filippe II. Já alguem lhe chamou o S. Domingos da pintura, porque o pincel de Ribera como que se deleitava com os supplicios. Os seus quadros parecem da mão de um inquisidor,

Mas que vigor de execução! Que pensamentos! Que combinação de côres! Que inspiração divina, que reflexo de beatitude nos seus martyres! Ribera nasceu em 1588. Nasceu hespanhol da sua época, e hespanhol morreu. Os seus quadros exprimem as crenças e o fanatismo do seu seculo. São verdadeiros de idéa e de execução, sem pertencerem ao que hoje chamam *realismo*, que, no fim de tudo, é arte sem arte, quer dizer, um disparate e um retrocesso para os tempos barbaros.

O quadro de Murillo é Rabeca e Elieser. Vê-se que o duque de Lialva, para quem o pintor reproduziu o quadro do museu, era apaixonado do genero em que primára Ribera. Das tres maneiras de Murillo, que os francezes designam com as qualificações de *fria, calida e vaporosa*, escolheu a que se resentia mais da intensidade, e do tom decisivo — digamos duro — e vigorosissimo de luz e sombras.

Eu ainda não vi o Santo Antonio de Padua e o Moysés que estão em Sevilha, que os amadores teem por superiores aos quarenta e seis Murillos do museu de Madrid. Dizem que esses dois quadros valem tanto como a Escóla de Athenas de Raphael, e como o Juizo final de Miguel Angelo. Nunca os vi, e que os vira, faltam-me os conhecimentos especiaes para confirmar esta opinião ou combatel-a.

Para mim a maneira vaporosa de Murillo é a que me agrada mais, e é a que lhe deu mais celebridade



na Europa. Todas as virgens desde a «Concepção rodeada de cherubinos» até á que o marechal Soult levou para França, e que hoje está no Louvre, pertencem a esta maneira do celebre pintor. E o que dá maior valor aos quadros de cada um desses diferentes generos é que Murillo não modificou successivamente a qualidade das suas producções, como talvez aconteceu a Raphael, mas empregou-as simultaneamente conforme lh'o pedia a natureza do assumpto, de modo que as tres maneiras fazem uma só, que é a da verdade, a da razão e a do bom gosto. Não ha arte sem estas tres qualidades.

Os dois quadros de Ribera e de Murillo estão bem collocados um defronte do outro, e o cardeal de Rembrano entre Rabeca e Elieser e o Martyrio de S. Bartholomeu, isto é, entre o velho e o novo testamento, como que representa a igreja catholica, conciliando os dois periodos da religião revelada com a caridade christã e saber universal dos apóstolos, sem o zelo rigoroso e severo de S. Domingos e de Torquemada.

Quando entrei com o barão na bibliotheca, estavam ali tres sujeitos, um marquez, grande de Hespanha e senador, um banqueiro muito rico de Madrid, e um conego de Toledo. Fallavam de politica. O banqueiro perguntava ao marquez quando se fechavam por uma vez o senado e o congresso, que só serviam para pasto de palradores e de ociosos. O conego sorria, sem ousar dizer o seu parecer, e

o marquez declarava-se campeão da liberdade como qualquer patuléa.

— Eu não fui quem inventou o systema liberal, dizia elle, mas já que o introduziram em Hespanha á custa de tanto dinheiro e de tanto sangue, agora aturem-o, e não andem a inventar pretextos para o deitar abaixo.

— Mas para que servem essas liberdades? retrucava o banqueiro. Para os jornaes insultarem toda a gente honrada, para tirarem o tempo aos ministros com discussões inuteis, e para impedirem que se governe bem!

— Meu amigo, a constituição do anno 12 e as seguintes não foram escriptas pelos grandes de Hespanha, nem sustentadas com o nosso dinheiro. Assim o quizeram, assim o tenham.

— Mas, se o quizemos, não o queremos agora, porque caímos no engano em que andavamos.

— E nós tomamos o caminho opposto. Ora diga-me, se a Hespanha de hoje é a mesma de Fernando VII, e se já houve governo absoluto que desenvolvesse a riqueza e prosperidade nacional como este atrapalhado systema que nos dirige. Que importa que os jornaes ataquem Pedro ou Paulo! Antes isso que mandal-os enforcar o rei!

— Parece-me incrível, exclamava o banqueiro, que um marquez e grande de Hespanha pense como qualquer jornalista das duzias! O que era dantes a grandeza e o que é hoje, em que essas honras se

dão aos revolucionarios, ainda que se não saiba de quem são filhos!

—Olhe, a esse respeito temos nós voto em capitulo, porque o negocio nos toca pela roupa. O governo absoluto era o mais democratico de todos os governos. Abaixo do rei tudo era igual, ainda que o não parecesse. Agora é outra cousa. Temos vida propria, e confesso-lhe que nos não desagrada. Eu já me acostumei ao senado, e havia de fazer-me falta, se viesse a fechar-se para sempre.

—Então o sr. marquez está, pelo que vejo, nas doutrinas do marquez de Albaida?

—E porque não? Esse era republicano e chamava-se José Maria Orense; como sabe, herdou o titulo de Albaida, hoje chama-se José Maria Milan de Aragon, é grande da Hespanha, gosta de o ser, e não mudou de opiniões. Veja como tudo se combina bem. A liberdade, que era boa para o democrata, não é perniciosa ao aristocrata.

—E o socialismo e o communismo, que forçosamente viram depois disto?

—O socialismo, se é o melhoramento da sociedade, olhe que não é tão máo como cuida. Ha reis mais socialistas do que o marquez de Albaida. O communismo, esse não receie que vá ao seu dinheiro senão depois de repartir as nossas terras. Tem tempo de o pôr em segurança. Que diz a isto senhor conego?

—Que hei de eu dizer? Pela minha parte não

desgosto do governo constitucional. O alto clero talvez preferisse o absolutismo. Nós, não.

—Ora vê? retrucou o marquez, sorrindo. Aqui tem a nobreza e o clero a favor da liberdade. E então o dinheiro, que sempre andou a gritar pelas imunidades e franquias do povo, é que se ha de fazer agora absolutista? Tenha paciencia, meu amigo, ha de morrer liberal.

O banqueiro calou-se, com receio de que o marquez chegasse a fallar-lhe das sommas que sahiram do seu escriptorio para differentes revoluções, e voltaram todos tres para as salas onde se dansava, jogava e conversava.

Fiquei só com o barão. Estavamos sentados em duas cadeiras das que teem o nome de Voltaire, e fumávamos uns charutos chamados *brebas*, que encontrámos sobre a mesa da bibliotheca em cestos de filigrana de prata. O barão parecia receiar a conversação, e calava-se. Tive eu de principiar. Comecei pelos quadros e perguntei-lhe o seu voto ácerca de Ribera e de Murillo.

Pobre barão! Artes tem elle, mas de arte não entende nada. Balbuciou duas palavras, engoliu outras, assuou-se, arredou a cadeira para vêr mais de longe e concluiu, dizendo:

—São bons, mas eu cá para mim prefiro os quadros vivos.

Depois desta semsaboria, não era possivel continuar a conversação ácerca de tal assumpto. Calei-me,

tirei do charuto duas ou tres porções de fumo, e disse para o barão:

—Bella bibliotheca e magnifico palacio. Eu desejo que o casamento da senhorita se faça emquanto cá estou, para ver os salões do outro lado.

—Para isso não é necessario tanto, respondeu o barão. A condessa manda-lh'os mostrar, quando quizer.

—É que eu desejo vel-os illuminados e de grande gala; para isso a melhor occasião é a do casamento. O tal sr. D. Julio dá-a em cheio. Linda rapariga, bem educada, intelligente, graciosa, titular e rica. É ouro sobre azul. Tambem elle merece-o. É, realmente, um excellente rapaz.

—Isso é, volveu o barão acanhadamente, e por me servir de uma reminiscencia camoniana, *como quem da conversa lhe pesava.*

—Para quando será o casamento? Tanto uma familia como a outra dizem que não fixaram ainda a época, porém eu ouvi dizer que estava destinado para agora.

—Creio que esteve...

—Então mudáram de idéa?... interrompi eu com admiração.

—Não sei. Como vejo que não casam agora, por isso disse que esteve. Eu não me metto com esses negocios. Sou amigo de D. Julio e da sua noiva, devo muitas obrigações á condessa, e afasto-me quanto posso das questões e discordancias das familias.

—Isso é proprio da sua excellente educação. No

fim de tudo, que nos importa a nós que elles ca-
sem ou não? O meu pundonor, nesse ponto, é tão
excessivo, que sabendo eu por acaso um segredo,
que podia influir na resolução desse negocio, nem
quero que suspeitem que o sei.

—Um segredo? E segredo que pôde influir em
que se verifique o casamento?!

—Eu não disse em que sentido o segredo podia
influir no casamento; mas, visto que o adivinhou,
não lh'o negarei.

—Essa é original. Então...

—Se eu fallar, o casamento faz-se immediatamente

A estas palavras o barão levantou-se da cadeira,
empallideceu, deu dois passos para o lado da mesa;
porém fazendo por occultar a sensação que deixára co-
nhecer, foi procurar uma pequena machina de prata,
onde estava ardendo espirito de vinho, e poz-se a
accender o charuto, como se o tivera deixado apa-
gar. Eu permaneci na cadeira, entregue inteiramente
ao cuidado de conservar acceso o meu.

O barão estava mordido da curiosidade; mas, de-
pois da lição que me dera ácerca da sua abstenção
nos negocios particulares das casas que frequentava,
não sabia de que modo poderia arrancar-me o se-
gredo, cuja força era capaz de destruir a dos enredos
que elle fizera. Nestas considerações ficou quasi um
minuto a fingir que accendia o charuto. Não lhe dei
tempo para pensar, e disse-lhe, como se me fôra desa-
gradavel interromper a conversação:

—Homem, deite esse charuto fóra, e tome outro. Teve pouca fortuna na escolha.

A esta interpellação o nobre banqueirito barcelonez voltou-se para mim, mas em vez de sentar-se, encostou-se á mesa, exactamente em face da minha respeitavel pessoa. Fumou ainda uma ou duas vezes, e a final exclamou:

—Estou espantado com o tal segredo. Que demonio pôde ser?

—Uma cousa muito simples. O contrario do segredo que mudou o *estava* em *esteve*.

—Então quer dizer que o casamento estava impedido por uma rasão qualquer, que lhe é conhecida, e que tem na sua mão aclarar esse negocio em proveito de D. Julio?

—Exactamente. Mas olhe que eu não protejo D. Julio, e a prova é que não digo uma palavra. Quer que lhe falle a verdade? Sympathiso com a senhorita de Relta.

—Mas não é casado?

—Sou sim. Então não se pôde sympathisar com'algue[m] senão para casamento ou para amor? Eu sympathiso com ella, e por isso não quero dizer cousa alguma que contrarie a sua vontade.

—Não entendo.

—Pois eu lh'o explico, barão, já que esse casamento lhe inspira interesse. Supponha que a senhorita aproveita um pretexto para se desfazer de D. Julio, e conceder a outrem o que estava desti-

nado para aquelle. Se eu destruo o obstaculo, vou facilitar o casamento de D. Julio, e talvez fazer a desgraça da vida inteira da pobre menina.

—Pois crê que ella ame outro?

—Eu não creio cousa alguma. Bem vê que não me metto nas vidas alheias, e, se soube este segredo, foi tão casualmente, como pôde ser a compra destes botões de camisa em vez de outros.

Esta comparação, que me vein á idéa não sei porque, mas sem imaginar a influencia que ella podia ter no assumpto da nossa conversação, produziu no barão um effeito inesperado. Fez-se de novo pallido, e esteve mais de cinco minutos sem dizer palavra.

Entretanto, para fingir que não dava pela perturbação deste gaiato, sacudia eu das calças a cinza do cigarro, e dizia comigo mesmo que o segredo das intrigas do barão era forçosamente relativo a joias. Para o não espantar de todo, visto que conseguira colloca-lo em tão bom caminho, accrescentei:

—Se a senhorita amanhã preferir o barão a D. Julio, pôde cantar com o meu pequeno auxilio.

—Eu preferido a D. Julio?

—Sim, senhor. Ande, não se faça desentendido. Eu já sou velho, e conheço o mundo. A ambição em um mancebo é justa, e tenho-a por incentivo de boas accções.

—Não duvido, mas eu nunca tive a menor idéa de aspirar á mão da senhorita.

—Devêras?

—Sinceramente. Respeito-a, e estimo-a, porém conheço a differença das nossas posições, por mais que a tendencia actual da sociedade procure pô-las ao nivel.

Levantei-me, acabei de sacudir a cinza, deitei fóra a ponta do charuto, e voltando-me para o barão, em cuja physionomia rosada fulgurava o jubilo de ver que a minha sympathia pela senhorita favorecia os seus enredos, e o contentamento de ter sabido guardar o seu segredo, disse-lhe:

—Muito folgo de lhe ouvir essa declaração. A unica cousa que me detinha, era o receio de o prejudicar e de desagradar á senhorita. Já que vejo quão modesto é o seu espirito, e que nem por pensamentos sonha em ser rival de D. Julio, posso livremente fallar. Daqui a quinze dias hão de casar-se.

—Mas que interesse tem nisso? retrucou o barão rapidamente.

—E que interesse tem o barão no contrario? Ou não lhe importa, e então sou por D. Julio, ou importa-lhe, e nesse caso sou pelo barão, se a senhorita lhe está inclinada. Daqui não saio.

O rapaz suava de afflicção, sem saber como sahir da difficuldade. Afinal, depois de passear um instante ao longo do salão, parou de repente, veio para mim e disse-me:

—Vejo que a luta é desigual. Quer amanhã fazer-me a honra de almoçar comigo em minha casa?

Segredo por segredo. Contar-lhe-hei tudo, e espero que ficaremos de accôrdo.

—Acceito. A que horas?

—Às duas da tarde. E agora entremos nas salas. Eu tenho que dançar com duas ou tres senhoras. Queira Deus que não passassem já as danças para que as convidei.

XVII

De como em conversação com a condessinha me foi apparecendo mais claro o fio da intriga, e vim a conhecer que as mães devem dirigir pessoalmente a educação das filhas—Desanimação momentanea—Economia municipal.

Madrid 7 de abril de 1861

O barão entrou antes de mim na sala onde se dançava, e foi sentar-se junto de M.^{me} de Landstein.

—Onde esteve até agora? perguntou-lhe a linda allemã.

—Na bibliotheca com o portuguez.

—Aposto que resolveram todas as difficuldades da união iberica?

—Não tratámos de politica. Não é o meu forte.

—E não se póde saber qual foi o assumpto que por tanto tempo nos privou da sua presença?

—Pois conta a minha ausencia como privação?

—Não se responde a uma pergunta com outra. Vamos. Seja amavel com as senhoras. Diga-me em que estiveram a fallar.

—Ora em que havíamos nós de conversar entre um Murillo, um Velasques e um Ribera? Fallámos de arte. Se eu pudesse, seria artista e pintor. É a minha vocação.

—E não póde? Não sei que obstáculo tenha! É rico; não deve a ninguém contas do seu tempo, e de mais a mais sente-se com propensão para a pintura. Porque não ha de ser pintor?

—Porque? É mais facil de sentir do que de dizer. Essa mesma riqueza, a posição social, e as minhas relações são outros tantos obstaculos. Se eu me fizesse pintor...

—Então que tinha? Velasques não era um homem do povo, nem um judeu ennobrecido por capricho real!

O barão mordeu os beiços, ambicionou ter nascido filho do duque de Ossuna ou do duque de Montmorency, mas venceu o despeito com um sorriso e respondeu:

—Está dito. Faça-me pintor, se me deixa começar por fazer o seu retrato.

—Para que? Tem medo de esquecer a minha physionomia? Não me admira. Quem se esqueceu de nós todas por causa de tres quadros de má morte, precisa de ajudar a memoria.

—Não me tyrannise. Bem sabe que nunca me esquece. Mas como posso eu esquivar-me á influencia da arte, vendo ou lembrando-me da mulher em quem a natureza se esmerou tanto? Se a arte

desapparecêsse, achava-se nas linhas do seu rosto. —Então eu sou obra da arte ou da natureza? Veja no que fica.

Aqui o nosso barão naufragou, dando em cheio nos rochedos da crassa ignorancia e da falta de sentimento artistico. Por mais que se quiz lembrar do latim e dos outros estudos com que o preparáram para desempenhar o seu papel neste mundo, o homem dos quadros vivos não achava uma solução. Neste apertado transe sahiu-se pela porta da ternura, que é a mais larga.

—Condessa, eu não sei o que digo, quando a vejo. Todos os meus pensamentos se concentraram no empenho de lhe ser agradavel, e só sinto que a amo. Uma palavra sua...

—Veja lá onde vae dar comsigo! interrompeu sorrindo, a condessa. Não se comprometta. Deus só é que pôde saber o que havia de resultar de uma palavra minha, mas eu sei que, se deixasse continuar as suas, tinhamos proposta de casamento. E se eu aceitasse?

O barão desconfiou do laço, e respondeu modestamente que bem sabia que o seu amor era sem futuro nem esperanza, mas que, assim mesmo, o aceitava como unico oasis de uma existencia triste e desconfortada.

Deixemos M.^{me} Landstein neste tiroteio com o barão, e voltemos a nossa attenção para outras personagens.

A condessa de Relta andava fazendo as honras da casa com a solicitude de quem deseja que todos os seus hospedes saiam d'alli contentes. Margarida acabava de uma dança com Julio, a quem ainda dava o braço. Pepita estava junto da porta, conversando com o velho conde de Villafria, que parecia ir esquivando-se ao tumultuar alegre da gente moça que o rodeava.

Passando junto de Pepita, disse-lhe que lhe ia mandar seu irmão. Respondeu-me com um movimento affirmativo de cabeça, como se o chamamento do irmão fôra ordem que me houvesse dado. Adiantei-me para os dois noivos, e, dizendo a D. Julio que fosse fallar á irmã perguntei á senhorita de Relta se queria conceder-me a honra de lhe dar o braço. Aceitou, e fomos girar nas duas salas para que ella me indicasse tres ou quatro amigas suas, de cuja formusura me havia fallado com enthusiasmo.

— Vejo com prazer, disse-lhe eu sem outro preambulo, que o seu noivo não cede o logar a outro.

— O meu noivo? Para que lhe chama assim? Sabe muito bem que já não é meu noivo. Conservo-lhe as honras por deferencia para com minha mãe, e para com Pepita. Nem eu tenho animo de lh'as retirar. Não sei como isto ha de acabar!

— Sei eu. Ha de acabar casando-se com elle antes de quinze dias.

— Isso nunca! Sei que conhece a minha resolu-

ção. Pepita disse-mo. Por isso lhe respondo com franqueza. Pobre Pepita!

—A sua resolução tem um motivo. Não usé de meia franqueza. Accuse para que o réo se defenda. Não condemne sem ouvir.

—Eu apurei a verdade. Tenho documentos. Mas não posso revelar cousa alguma.

—Pois também eu apurei a verdade.

—A este respeito?

—Nem mais, nem menos.

—É impossível que tenha o menor indício da causa da minha deliberação inesperada. Olhe que eu sou muito franca, Amo D. Julio, mas nunca serei sua mulher. Este amor ha de ceder á reflexão e ao sentimento da minha propria dignidade. Já disse demasiado. Nunca fui tão explicita com minha mãe, nem com Pepita. Não leve a mal que o convide a fallar-mos de outro assumpto.

—E se a historia das joias fosse falsa?

—A historia das joias?—respondeu Margarida com espanto.—Quem lhe contou isso?

—Um nigromante meu conhecido.

—E nigromante deve ser por certo para advinhar... o que nunca existiu.

—Senhorita, a lealdade a que se está sacrificando é mal empregada com o intrigante que lhe veiu contar uma triste calumnia. Eu sei tudo. Não lhe peço que me conte cousa alguma. Mas repito: se eu lhe provar que a historia das joias é falsa?

—Bom. Vou ser franca sem faltar aos meus deveres. Ha uma causa que veio alterar as minhas disposições ácerca do casamento com D. Julio. Não lhe digo qual é; porém, se eu me convencer de que é falsa, tambem não posso casar com elle. Nunca me ha de perdoar a injustiça que lhè fiz. Veja que triste sorte a minha!

—E se elle o ignorar completamente? Não terá havido offensa, e o seu amor achará modo de expiar culpa tão leve.

—Não sei. Careço pensar nesse desenlace. Ainda me não tinha occorrido. O casamento é para mim o acto mais solemne da vida. É uma recomposição do meu ser moral, e eu quero proceder conscienciosamente em tão delicada conjunctura. Desejo morrer com os sentimentos com que me approximar do altar. Mas diga-me como soube...

—Por ora, só lhe posso dizer que sei tudo, e que é necessario que todos acreditem que nada sei. Todos, sem excepção.

—Principalmente o barão. Não é verdade?

—Sim, é verdade. Principalmente esse traficante, que merece uma lição severa. É tolo, mas tolo máo.

—Não é tolo máo. É ambicioso.

—Pois bem, como...

Neste instante, a musica deu signal para a segunda walsa, e o barão veio buscar a senhorita de Relta. Fiquei só, e ia sentar-me a pensar neste emmaraanhado negocio, quando vi perto de mim a marque-

sita de Lovera. Dirigi-me para ella, e contei-lhe como estava no caminho de saber tudo, porém que esta era a occasião mais critica do negocio, porque eu, apesar de dizer que sabia tudo, no fim de contas não sabia cousa alguma.

—O que verifiquei, conclui eu, foi que ha uma causa seria de recusa, que esta causa vem do barão, que este animalejo ambiciona casar com a senhorita de Relta, que ella gosta de D. Julio, e que o negocio diz respeito a joias.

—A joias? Ahi deve haver engano. Elle deu-lhe diamantes muito bons, comprados a um dos melhores ourives de Madrid.

—Não sei, mas hei de sabel-o. Já agora quero levar ao cabo esta negociação diplomatica.

—Depois de amanhã, Margarida vae jantar comigo, e talvez possamos arrancar-lhe o segredo inteiro, se o barão resistir ao assalto que lhe prepara no almoço de amanhã. O tal barãosinho, confesso, que me enganou bem!

—A mim sempre me pareceu o que é. Mas diga-me, marquesita, que particularidades ha ácerca das joias?

—Nenhumas, que eu saiba. Meu irmão encomendou-as ao Granadino, que é o melhor ourives de Madrid ou um dos melhores. Ha quem lhe prefira o *bijotero* francez Daumont, que mora na *Puerta del Sol*, mas eu creio que o hespanhol não lhe é inferior. Elles são rivaes, e nunca se lhes encommenda

um enfeite de brilhantes ou qualquer obra de custo, sem que cada um delles prometta fazer obra mais bem acabada que a do outro. É curioso ouvi-los.

—Onde mora o Granadino?

—Calle del Arenal n.º 103, 1.º andar. Porque? Quer lá ir?

—Talvez. O que eu quero é dar cabo desta intriga. Já me aborrece que um tolo, como é o barão, nos ande atrapalhando ha tanto tempo.

—Ora veja quem se não ha de enganar com elle! Olhe que corte está fazendo á nossa allemã. Mal elle sabe os perigos em que se mette!

—Então que perigo pôde elle ter, além de se apaixonar por ella?

—Eios ausentes?

—Pois ha ausentes? Então aquella phrase... era séria?

—É muito séria. O mais é que o ausente chega amanhã ou depois, e não é pessoa que supporte a menor côrte do barão.

—Eu não queria ser indiscreto, mas...

—Desejava saber quem era o ausente? É meu irmão Telmo. Eu já lh'o quiz dizer outro dia. Elle viu M.^{me} de Landstein em Alicante. Jantou com ella em casa de um general, e conversaram durante todo o jantar e o serão, sem um saber quem era o outro. Depois viram-se mais vezes, e, se não me engano, M.^{me} de Landstein será brevemente minha cunhada; Agora vou conversar um pouco com a con-

dessa de Relta. Ainda este noite lhe não pude dar palavra.

Gostei de ficar só. Precisava de reflectir na conversação que tivera com o barão, e no que passára com a senhorita. Que o tal iscarote era tolo e velhaco, sabia eu. Agora porém, fiquei conhecendo que é também cobarde. Por isso, esta aristocracia do dinheiro não substitue a outra, por mais que se impertigue. Se lhe falta a nobreza de sentimentos e o espirito cavalheiroso! O povo não os respeita; elles proprios não se teem em grande conta, e a gente de bem dá-lhes a mão com repugnancia, como se tivesse medo de sujar-se. Ha alguns que não são assim, mas o numero é deminutissimo.

O proceder da senhorita mostrou-me o inconveniente das educações que recebem hoje as meninas ricas. Antigamente as mães dirigiam não só a educação e a existencia das filhas, mas os proprios pensamentos até o dia do noivado; que muitas vezes se fazia contra a vontade e gosto da menina. Era de mais, e resultavam deste systema tristes consequencias.

Hoje, as mães escolhem as aias e mestras das filhas, e constituem ás meninas um modo de viver especial na sua propria casa. A mãe ainda nova precisa de cultivar as relações sociaes, de fazer visitas, de frequentar os passeios, de ir ao theatro, e de apparecer nos bailes. A presença da mulher em todos estes actos é ás vezes o complemento indispensavel.

savel dos planos ambiciosos do marido, outras vezes é uma necessidade do espirito frivolo da esposa. Ha exemplos de senhoras a quem o desejo de esquecer infortunios domesticos impelle para esse turbilhão em que redemoinham as classes ricas.

Entretanto, as meninas vão-se educando em casa ou no collegio, mas separadas dos paes, obedecendo convencionalmente a criadas e a mestras que não amam, e vindo a ser estranhas ao santo amor da familia, e a todos os sentimentos elevados e nobres, que manam desta fonte inexaurivel de virtudes.

Quando a educação está completa, a menina entra na familia com a sobranceria que adquiriu vivendo com pessoas de condição inferior, com a fibra dos bons affectos inerte, e com habitos inveterados de resistencia energica ou de dissimulação permanente, segundo o temperamento.

Cuida amar seus paes. Pobre menina! Este amor não é amor. É polidez. É cortezia. É submissão. É tudo, menos sentimento filial. A mãe nunca chega a ser a confidente, aliás tão natural, dos pensamentos da filha. Qualquer amiga, qualquer homem, vale mais no coração das meninas educadas á moderna do que a mãe que as entregou a gente estranha e mercenaria. Por isso se encontra com maior frequencia o amor de familia nas classes pobres do que nas abastadas.

Á senhorita de Relta, admiravelmente dotada de todas as prendas de esmerada educação, e rica de

preciosos dotés naturaes, faltava o balsamo do amor maternal. A condessa fôra embaixatriz na Russia, e, por medo do clima, deixára a filha entregue a uma senhora ingleza que deu á educação da herdeira dos Reltas o maior disvelo, mas que não era mãe.

A escolha foi a melhor que podia fazer-se na occasião, porém a differença de nacionalidades e de costumes tirára a esta educação o character amovel, sem o qual o ensino se materialisa. A senhorita de Relta estava confiada ao cuidado da mestra ingleza sob a vigilancia de uma tia velha. Esta parente fôra o ponto de apoio da resistencia infantil de Margarida.

Aprendeu da tia a ser hespanhola, e a escapar á transformação dos instinctos e das tendencias meridionaes em secura e rigidez britannica, mas tambem se habituou a uma reserva, de que a condessa de Relta devia mais tarde experimentar os inconvenientes.

A condessa voltou da Russia quando Margarida já podia apparecer na sociedade. A filha sentiu uma grande affeição pela mãe. Este affecto não era filial; era a reacção contra a ingleza e contra a tia velha, das quaes Margarida já não podia soffrer a supremacia.

Dentro de pouco tempo, a mãe, sem o querer, foi tomando no espirito da senhorita o logar que deixára vago a mestra ingleza. A velha tia morreu, e as